

CONGRATULAÇÃO

A Patria no Aniversario da Sua Regeneração Politica.

*Jurons, le glaive en main, jurons à la Patrie
De conserver toujours la Liberté chérie.*

CHENIER.



Do feroz Despotismo flagellada
Perdêra o Brilhe. . . o Lustre. . . a Fama. . . a Gloria. . .
Seu Renome perdêra a Lusa Plaga!
Na Patria dos Heroês, que outr' hora altivos,
D'infausto Adamastor domando a furia,
Cruzárão sem pavôr não vistos Mâres,
Escura cerração de vis prestigios
Toldava da Verdade os horisontes;
E a fraca humanidade, abandonada
A hum Numen de furor, e tirania,
Mandando aos surdos Céos em vão quixumes,
A robusta cerviz, qual dócil Bruto,
Abatida curvára ao férreo jugo.
Do buçal Fanatismo amão ferrenhe,
Em medonhas cavernas abafando
O grito da Razão, da Natureza,
Seus nefandos altares salpicava,
Com desdouro dos Céos, de sangue humano:
D' Astréa alto Recinto profanava
De vorazes harpias bando impuro;
E na imparcial recta Balança
Inda mais que a razão pezava o Ouro:
A virtude era o Crime, a Força Lei;
O systema oppressão, dureza o fado.
Que alluvião fatal d' immensos vícios
Calcava com rigôr a Patria minha!
Mas o Deos tutelar dos vastos Orbes,
Esse Arbitro Supremo, a cujo acêno

Da Máquina dos Astros portentôsa
Coriscos inflamados se despegão
E já brandos depõem saubudos Deoses
Gaféros, Caduceos, Tridentes, Lanças,
Dos males condoído, que affigião
A florente Região, que o Bravo Affonso,
Crueis Libycas turmas derrotando,
Com provado valor fundou com gloria;
E da Palavra augusta inda lembrado,
Que no famoso Ourique outróra déra
Ao forte domador d' Ismár soberbo;
Lá do sidéreo Throno refulgente,
Anáthema tremendo fulminando,
Do Solo Lusitano varre, epune
Quantos monstros então o devastavão:
De gálas, até ali nunca trajadas,
Fez que Aurora, surgindo ataviada,
Os turvos horisontes abrilhante;
E della deslisádo á opprêssa Lysia
Baixar rápido faz hum Dia Eterno. . . .
Hum Dia Divinal, que nunca virão
Luzir em florea Quadra os findos Evos!
Neste Dia sem par, que hoje renasce,
Neste mimo dos Ceos, já quasi extincto
O Nome renasceo dos Portuguezes:
D' infames monumentos sobre as ruinas
Altiva a Liberdade erguêo seu trono;
E ao trovão de seu brado sacro-santo
Nos dous Pólos, que abrange o Lóso Império,
Nas furnas s' escondêo protervo Abuso;
E, qual caduco tronco, e sem raizes,
Que dos rijos tufões sendo açoutado,
Com rapido fragôr nochão baquêa,
Vacillante tambem, das mãos iniquas
Destiranos cahio, aférrea vara.

Venturôsa Nação! oh Patria, oh Lysia!
Euleva-tê gostosa em teus Destinos!

No teu seio gentil tu vês com gloria
Remoçada surgindo a Natureza;
Vês o Monstro fatal, que t' opprimira
Debaixo do teus pés, já decepada
A os golpes da Razão, quasi espirante;
E a teus campos ditosos, bafejados
De brandas viragoes, filtrados ares,
Dos Ceos emanação, effluvios, graças,
Com fagueiro sorriso Astréa volve;
Tambem volve risôna affava Ceres.

E vós, d'altos Heroes famosa Estirpe,
Libertos Portuguezes, que assombrados
Nos pulsos contemplâes dos duros férros
Calejados vergoes, que inda roxeão;
Da Liberdade as Aras ladeando,
Ladeando tambem o Altar da Patria
Empanhai com valor tremenda espada,
E aos tiranos jurai cruenta guerra;
Aos tiranos fataes, que em vão maquinão
Curvados ver-vos inda ao pezo enorme
De barbaras correntes arrastando,
Em triumpho brutal, o Carro infame
Da tórpe Escravidão, tão degradante:
Ante o Deus do Universo, e com firmeza
A gloria deffender jurai da Patria;
Mas que antes ella acabe demolida,
E esmagados tambem nas ruinas suas
Acabem de existir os fortes Lusos,
Primeiro q' outra vez a perder voltem
A cara Liverdade restaurada.
E o poder séja tal das juras vóssas
Que os Despôtas confunda, amedrentados
Nos Cantoes mais remôtos, q' inda infestem.

POR A. J. S. P.

MONTÉVIDEO.—IMPRESSA DE TORRES,